

O DESAFIO DE APROVEITAR OS FRUTOS DA FLORESTA

O extrativismo e as culturas com adubação natural, com matéria orgânica, são as melhores alternativas para um sistema produtivo autossustentável

Por ANDREIA FANZERES

O desenvolvimento agrícola no Amazonas requer sobretudo compatibilidade com o ecossistema. De acordo com Elisa Wandelle, pesquisadora da Embrapa, para que haja sucesso econômico, ambiental e social de práticas agrícolas no Amazonas, o primeiro passo é manejar matéria orgânica. "O sistema produtivo mais indicado são os Sistemas Agroflorestais (SAFs), baseados na presença de árvores que interagem com plantas semiperenes, gado, abelhas, caprinos, etc", diz a pesquisadora. Ela explica que, com exceção de pequeníssimas manchas de solo vulcânico e das regiões de várzea, a única grande fonte de nutrientes para a agricultura no Amazonas é a decomposição de matéria orgânica, uma prática tradicional, que atualmente soa como inovação.

A transformação da agroecologia em política pública já permite visualizar algumas experiências promissoras, como as iniciativas do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam) para obtenção de ganhos de produtividade dos frutos nativos. "No caso da

castanha-do-pará, capacitamos agricultores desde a remoção do ouriço (casca dura que envolve a castanha), indo dos cuidados necessários para evitar a contaminação até o beneficiamento. Ajudamos e na instalação de cinco usinas comunitárias gerenciadas pelos próprios produtores", comenta Malvino Salvador, diretor do Idam.

Já o Conselho Nacional das Populações Extrativistas tem promovido acordos de pesca e de aproveitamento de produtos nativos. "Neste ano tivemos autorização para pescar 190 toneladas de pirarucu dos lagos que as comunidades conservaram em Fonte Boa", relata Manoel Cunha, presidente do Conselho. Na região do Médio Juruá, diz ele, a idéia era aproveitar o óleo vegetal para produção de energia, mas novo tipo de demanda surgiu. A Natureza passou a comprar por R\$ 8 o quilo do óleo vegetal. O preço do óleo para produção com fins energéticos era então de R\$ 0,98. "Montamos cooperativa e a nossa usina produz de 26 a 30 toneladas de óleo de andiroba e 15 toneladas de óleo de murumuru. O óleo agora está sendo comercializado a R\$ 24 o quilo", observa.



Foto

O que está faltando, dizem os extrativistas, são empréstimos para custear a produção. Segundo Claudia Calorio, do Ministério do Meio Ambiente (MMA), para inclusão desses produtores em programas de crédito, eles precisam ter uma declaração de aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). "No Banco do Brasil, por exemplo, os extrativistas são enquadrados como agricultores familiares e podem acessar o Pronaf. Nos bancos privados é mais problemático", reconhece.

A Política de Garantia de Preços Mínimos do governo federal tem ajudado muito também, mantendo os rendimentos dos produtores de castanha, pequi, piaçava, açaí, babaçu, borracha e carnaúba. Mais de R\$ 1,7 milhão já foi desembolsado pelo governo em subvenções a esses sete produtos nativos.

Foto

AGRO-ECOLOGY BY ANDREIA FANZERES

FULLY UTILIZING RAINFOREST FRUITS

Extraction and organic manure are the best alternatives for sustainable production

Agricultural development in the state of Amazonas requires, above all, compatibility with the ecosystem. According to Elisa Wandelle, a researcher at Embrapa (the Brazilian Agricultural Research Corporation), the first step in attaining economic, environmental and social success in terms of Amazonas agriculture is to manage organic matter. "The most suitable productive systems are the agro-forestry systems based on the interaction of trees with semi-perennial plants, cattle, bees, goats etc..." says the researcher. She explains that, with the exception of swamp areas, the only large source of nutrients for agriculture in Amazonas State is the decomposition of organic matter.

It is essential, however, to increase productivity, one of the objectives of the Amazonas Sustainable Farming Development Institute (IDAM). "In the case of Brazil nuts, we provide farmers with training, from the removal of shells all the way up to processing. We helped set up five mills that are managed by producers," comments Malvino Salvador, IDAM's director.

The National Council of Extractive Populations has promoted agreements related to fishing and the use of native products. "This year we have received authorization to fish 190 tons of pirarucu," reports Manoel Cunha, president of the Council. In the region of Médio Juruá, he says, everything changed when Natura started to buy one kilo of vegetable oil for R\$ 8. The price of vegetable oil until then had been R\$ 0.98. "We set up a cooperative and our mill produces between 26 to 30 tons of andiroba oil and 15 tons of murumuru oil." The oil is now traded at R\$ 24 per kilo.

What is lacking is credit. According to Claudia Calorio from the Ministry of the Environment (MMA), in order to have access to credit programs, these producers must have a statement from the National Program for the Strengthening of Family Agriculture (Pronaf). "At Banco do Brasil, producers are registered as family farmers and therefore have access to Pronaf. At private banks, it is more difficult," he admits.